

Ministério do Turismo apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina



OS GEMEOS

NOSSOS SEGREDOS



ALMANAQUE COBB
EDUCATIVO



Na mostra **OSGEMEOS: nossos segredos**, os irmãos Gustavo e Otavio Pandolfo oferecem aos visitantes a chave de seu baú de memórias. Nas galerias, estão segredos compartilhados: desenhos de infância, retratos de família, esboços, tapeçarias da mãe, cadernos, vídeos, roupas, obras de vários períodos e instalações.

Quem não tem curiosidade de conhecer o processo de um artista? Percorrer as salas desta exposição é um pouco como visitar o ateliê dos gêmeos, suas memórias e seu mundo de fantasia.

Os personagens de pele amarela e roupa estampada, as sereias com caudas de lantejoulas, as casinhas coloridas tão comuns à paisagem das cidades do interior brasileiro, as *boomboxes*, os pescadores e o farol estão ali contando essa história.

Venha com a gente adentrar esse mundo pelas páginas desse almanaque, que pode ser lido antes, durante ou depois da sua visita à exposição. Cada leitor é um viajante. Portanto, este material não está pronto, mas esperando por você.

Boa leitura!

INFÂNCIA



Gustavo e Otavio Pandolfo nasceram em 1974 no Cambuci, que, na época, era um bairro operário na região central de São Paulo. “No Cambuci, ficava todo mundo na rua, de portas abertas. O clima, bem de interior...todo mundo conhecia a gente, sabiam que éramos filhos dos nossos pais. Era bem mais tranquilo do que hoje, e ninguém achou ruim quando começamos a pintar os muros”, conta Otavio.

Albino Kanciukaitis, avô dos meninos, veio da Lituânia em 1926 e trouxe consigo o gosto pela ópera, colocava sempre para tocar na vitrola os discos de vinil que eram ouvidos pelos corredores. Em frente à casa deles, era montada uma feira de rua, uma vez por semana. A mãe, Margarida, pegava com a vendedora de batatas os sacos de juta e neles bordava

lindas flores. O irmão mais velho, Arnaldo, destruía e remontava coisas e desenhava ao som de rock’n’roll, escutando Pink Floyd e Led Zeppelin.

Os meninos eram apaixonados pelos quadrinhos japoneses, os mangás, e o pai levava os gêmeos para escolherem as revistas. Assistiam a Ultraman e Ultraseven na TV e reproduziam os cenários com caixas de sapato e pedaços de madeira. Também construíam carrinhos de rolimã e faziam pipas, que compartilhavam com as outras crianças do bairro. Sempre adoraram desenhar. Ao chegar na casa dos avós, a mesma pergunta se repetia: “Tem papel?“, e eles passavam o dia imersos naquele passatempo.

Perto da casa da família, ficava a primeira corporação de

bombeiros de São Paulo. Essa foi a primeira profissão dos sonhos dos irmãos. O pai dos meninos, às vezes, fazia marmitas, e todos iam almoçar lá no quartel. Os bombeiros aparecem nos **desenhos de infância** dos gêmeos.

Na escola, Gustavo e Otavio desenhavam juntos durante as aulas, até que os professores resolveram deixar um em cada turma. Mesmo separados por paredes, em um concurso estadual, os dois fizeram o mesmo desenho, sem combinar. O prêmio da competição era uma viagem para Brasília, e a escola não teve como não premiar os dois.

Aos nove anos, a mãe os levou para a **Pinacoteca de São Paulo**. Foi lá, em um laboratório de desenho, que Gustavo e Otavio usaram pela primeira vez uma lata de tinta spray e, no instante seguinte, estavam pintando uma parede do pátio do museu.

Gustavo e Otavio viram o desenvolvimento da cena do hip hop em São Paulo. Apresentações do *breaking* rolavam nas ruas do Cambuci, e os dois participavam. Os irmãos logo passaram a frequentar o maior *point* do hip-hop paulista: a estação São Bento. Lá, eram os mais jovens na roda de *break*. O rap e o grafite chegaram juntos.

As primeiras intervenções na rua foram no próprio bairro, pintando as casas dos vizinhos. Depois, ganharam endereços mais movimentados, como a região central de São Paulo. Até então não existiam lojas especializadas em *graffiti*, e a dupla improvisava com *sprays* automotivos e bicos de *spray* de desodorante para conseguir traços mais finos, que são uma marca em seu trabalho até hoje.

A vida adulta foi chegando e se fazia necessário “ter um sustento”. Foi assim que Gustavo e Otavio começaram a trabalhar fora, passando por uma fábrica de alimentos, uma locadora, uma funilaria e finalmente num banco. Durou pouco. Aos 18 anos, pediram demissão e avisaram a mãe que iriam viver de arte.



PINTURA FORA DA TELA: OS MURAIIS

OS PRIMEIROS

As primeiras pinturas de que temos notícia foram realizadas nas paredes das cavernas, como um registro das atividades dos homens desde o Período Paleolítico. Chamamos essa arte de **pintura rupestre**. As paredes das cavernas tinham relevos, que eram aproveitados pelos primeiros “artistas” da humanidade para dar forma aos seus desenhos. Na produção das cores das tintas eram utilizados óxidos de ferro e de outros minerais, como pigmentos, misturados à gordura e ao sangue de animais.

A maioria dessas pinturas retratava animais, geralmente de grande porte, como bisões, cavalos e cervos. Em Chauvet, na França, podemos observar desenhos de leões que já foram extintos. Na Austrália, as pinturas mostram animais em “raio-x”, como peixes com as espinhas aparecendo. Na Argélia, figuras humanas aparecem em rituais xamânicos ou durante a caça. No Brasil, temos importantes sítios arqueológicos, como o Parque Nacional do Catimbau (Pernambuco), Lagoa Santa (Minas Gerais) e o Parque Nacional da Serra da Capivara (Piauí), onde aparecem seres humanos ornamentados, carregando armas, dançando, além de uma diversidade de animais, como uma corça com seu filhote.



O **Parque Nacional da Serra da Capivara** abriga o maior e mais antigo acervo rupestre de toda a América, com pinturas que tem mais de 25 mil anos!

Terras coletadas no Sul da França, com diferentes óxidos usados como pigmentos coloridos em pinturas rupestres, como as de Lascaux.



DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA

Povos antigos, como os **egípcios**, os gregos e os astecas, utilizavam tinta com consistência bastante líquida, feita com pigmento mineral e água. Essa tinta era aplicada diretamente sobre o reboco feito com cal. A pintura era realizada quando o reboco ainda não estava totalmente seco, daí o nome afresco. Como a cal seca em algumas horas, os artistas precisavam planejar pequenas áreas para serem pintadas uma de cada vez e tomar cuidado para que essas delimitações não ficassem aparentes quando a pintura estivesse terminada. Esses murais são muito resistentes e podem vir a durar milhares de anos. Por isso, ainda vemos os afrescos da Antiguidade e da Idade Média.



DE PEDACINHO EM PEDACINHO

A tinta não era o único material usado pelos artistas para preencher as paredes. Em Roma, entre 500 a.C. e 400 a.C., eles começaram a utilizar pedrinhas naturais para formar imagens, que receberam o nome de mosaico. O domínio do ferro foi importantíssimo para se iniciar essa técnica, pois com ele era possível cortar as pedras no formato desejado. Já as **igrejas bizantinas**, a partir de 330 d.C., faziam seus mosaicos com pedrinhas de vidro colorido e ouro, que marcam o estilo do período.





OS AFRESCOS DO RENASCIMENTO

A técnica do afresco continuou sendo utilizada durante o período do Renascimento e do Barroco, decorando grandes superfícies em edifícios públicos, igrejas, palácios e até em residências. As pinturas, normalmente, contavam histórias bíblicas ou de santos, e, naquele período, os artistas buscavam retratar tudo da maneira mais realista possível.

O teto da **Capela Sistina**, na cidade do Vaticano, é um dos afrescos mais famosos da história da humanidade. Foi pintado por Michelangelo, a pedido do Papa Júlio II, entre os anos 1508 e 1512, e até hoje pode ser visto por quem visita o lugar. O artista precisava pintar deitado em um andaime e fez mais de 300 figuras representando cenas bíblicas. Essa obra lhe rendeu o título "Divino Michelangelo". No centro do teto, estão concentradas passagens do livro Gênesis, como a Criação de Adão e o Pecado Original.



OS MURAIIS NO SÉCULO XX

"Pintaremos os muros das ruas e as paredes dos edifícios públicos, [...] de todos os cantos onde se reúne a gente que trabalha."

David A. Siqueiros, muralista mexicano

No início do século XX, tanto os temas quanto as técnicas de pintura em paredes mudaram. Surgiu, no México, um movimento voltado para as questões sociais, o Muralismo. Seus pintores, como Diego Rivera, David A. Siqueiros e José Orozco, utilizavam uma das primeiras tintas automotivas industriais, o duco, inventada em 1920. O duco aderiu à parede, secava rápido e dava um acabamento mais brilhante, sem precisar de toda aquela longa e difícil

preparação do afresco. Isso permitia que eles cobrissem centenas de metros quadrados nas imensas paredes de hospitais, bibliotecas e outros edifícios públicos.

A partir do Muralismo Mexicano, outros movimentos e artistas começaram a pintar murais, geralmente vinculados à arte social. No Brasil, os afrescos dos **Ciclos Econômicos** que Portinari pintou entre 1936 e 1944 no antigo Edifício do MEC, no Rio de Janeiro, marcaram época!



MATERIAIS E TÉCNICAS CONTEMPORÂNEAS

Em 1949, surge a primeira tinta *spray*. Mas essa novidade só ficou popular nos anos 1970, quando os jovens artistas de rua perceberam a praticidade do material. Bastava agitar a latinha e apertar o bico para aplicar a tinta sobre a superfície desejada. As latas eram leves, permitindo que o artista carregasse muitas cores na mochila. A aplicação e a secagem eram rápidas, fator essencial para aquele tipo de trabalho. Mas, ainda hoje há quem prefira pintar as paredes das ruas com canetas permanentes ou tintas que precisam ser diluídas.

ATENÇÃO!

Algumas tintas *spray* são tóxicas, por isso é necessário vestir máscaras durante seu uso e a comercialização desse material só pode ser feita para maiores de 18 anos!



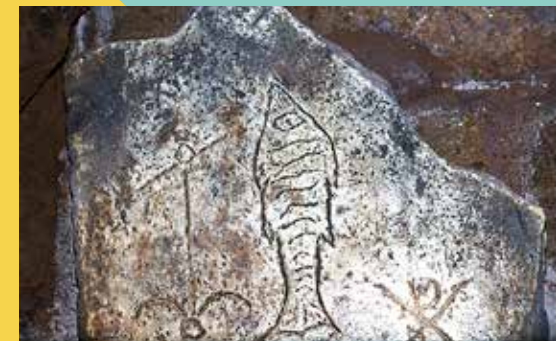
ESTÊNCEL

O estêncil é como um **molde vazado** sobre o qual será aplicada a tinta, deixando a marca na parede. Em várias partes do mundo, há cerca de 9 mil anos, mãos foram utilizadas como um tipo de estêncil em grutas. Na "**Caverna das mãos**", na Argentina, os ameríndios sopravam a tinta, deixando a forma da mão em negativo. O estêncil foi utilizado em várias sociedades e épocas, em diferentes suportes, como tecidos, madeira e papel. Atualmente, muitos grafiteiros trabalham com a técnica do estêncil, com a aplicação de tinta com rolinhos ou *spray*.

GRAFITE

A palavra grafite vem do italiano *graffiti* (plural de *graffito*), e se refere à técnica de riscar uma superfície com um instrumento pontiagudo. Imagens como o **peixe** (símbolo de Cristo) e a **cruz** (símbolo do sacrifício de Cristo) marcavam túmulos ou locais secretos onde os cristãos se reuniam para o culto, quando o catolicismo ainda era clandestino no Império Romano.

Com o tempo, vários desenhos da **cruz** começaram a ser "grafitados" por cristãos em templos pagãos. Esses templos, com a ascensão do cristianismo, foram transformados em igrejas. Esses "grafites" podiam ser pintados, porém a maior parte das imagens que chegaram até nossos dias foram aquelas gravadas na pedra.



PERCURSOS DO GRAFFITI

Na primavera de 1968, a sociedade francesa se levantava contra o consumismo, o conservadorismo e o ensino autoritário. Estudantes e operários se uniram e tomaram as ruas de Paris. O auge dessa revolta aconteceu no mês de maio, com um protesto que reuniu cerca de 20 mil manifestantes que escreviam palavras de ordem nas paredes e nos postes da cidade.

Em paralelo, o *graffiti* surge nos Estados Unidos, com os artistas escrevendo seus nomes nos muros. Essa escrita se desloca para os metrô, e as marcas começaram a transitar. Aos poucos, as cores e formas das letras vão sendo trabalhadas, e cada artista desenvolve um estilo próprio para sua assinatura.

OSGEMEOS são influenciados pela cena nova-iorquina, por seu estilo de letras e personagens.

A CENA BRASILEIRA

Alex Vallauri, pioneiro do *graffiti* brasileiro, dizia: "Enfeitar a cidade, transformar o urbano com uma arte viva, popular, de que as pessoas participem, acrescentando ou tirando detalhes da imagem...essa é a minha intenção." O Dia Nacional do *Grffiti* é comemorado na data da morte de Vallauri: 27 de março. Em 1978, Alex Vallauri se estabelece em São Paulo e passa a grafitar uma bota preta de salto e cano longo pela cidade. Como ele não assinava, cria-se um ar de mistério. Logo a bota recebe uma perna, luvas negras e acaba se tornando a personagem principal de sua obra: A Rainha do Frango Assado. A personagem chega à TV na novela Roque Santeiro.

O **Tupinãodá** é o primeiro grupo de arte de rua documentado no Brasil. Seu nome é inspirado no poema de Antonio Robert de Moraes:

"Você é tupi daqui / ou é tupi de lá
Você é tupiniquim / ou Tupinãodá?"

Seus integrantes pintavam naves espaciais, motores e outros desenhos. Um deles, Carlos Delfino, fazia desenhos arquitetônicos, que acabaram se transformando nos labirintos característicos do grupo. Também integraram o Tupinãodá: Milton Sogabe, Eduardo Duar, Zé Carratu, César Teixeira, Jaime Prades e Rui Amaral.

LEE QUIÑONES

Lee Quiñones, um dos precursores da arte de rua americana, nasceu em Porto Rico. Começou pintando os vagões de metrô de Nova York, cidade onde cresceu. Entre 1974 e 1980, Lee pintou cerca de 120 trens. No *graffiti* "Jesus Christ Superstar", Lee escreveu de um lado do vagão a frase *Earth is hell* (A Terra é um inferno) e do outro lado, *Heaven is life* (Paraíso é vida). Esse trem circulava entre o Bronx, Manhattan e o Brooklyn, cruzando a cidade. Depois Lee se apropriou das paredes de quadras de handebol, esporte popular entre os estadunidenses. Nelas, pintava mascotes, como um leão que ele via como um protetor da opressão vivida pelos jovens dos bairros dessas quadras de esporte.

KEITH HARING

Keith Haring desenhava com giz branco nos espaços reservados para anúncios de publicidade nas estações de metrô nova-iorquinas: pirâmides, discos-voadores, seres humanos, figuras com asas, aparelhos de televisão, animais e bebês. Os frequentadores do metrô não apagavam seus desenhos. Seu traço rápido, simples e caricato se tornou sua marca registrada. A arte de Haring era uma forma de ativismo, levantando temas como a epidemia de drogas e a crise do HIV. Um bebê engatinhando com raios ao redor, o "bebê radiante", tornou-se uma espécie de assinatura dele. Em 1983, Keith participou da 17ª Bienal de São Paulo e aproveitou a visita à cidade para pintar as ruas, como sua intervenção no bairro Pompeia - que hoje já não existe mais.



A ORIGEM DO HIP HOP

Nas festas, jovens abriam rodas na pista e dançavam cada um à sua maneira durante os *breakbeats* - parte instrumental da música, quando o som "se quebra". DJs como Kool Herc e Grandmaster Flash realizavam eventos em quadras de basquete em bairros como Queens e Harlem e no sul do Bronx, onde se ouvia Funkadelic, James Brown, Donna Summer etc. Eles improvisavam seus próprios *mixers* e produziam novos sons, como o *Scratch* - som extraído da agulha no disco, indo para frente e para trás.

No início dos anos 1970, um americano do Bronx recebe uma viagem à África como prêmio

pela escrita de uma redação. Essa viagem o inspira, e ele adota o nome Afrika Bambaataa. De volta a Nova York, funda a organização Zulu Nation, cujos valores eram paz, amor, união e diversão, e promove festas e reuniões para estimular a harmonia entre as gangues nova-iorquinas através do hip hop. A **cultura hip hop** é uma união entre quatro elementos: *graffiti*, MC, DJ e *breaking*.

OSGEMEOS INDICAM

Filmes: "*Style Wars*", "*Wild Style*", "*Breakin'*" e "*Beat Street*".
Livros: "*Spraycan Art*" e "*Subway Art*".



PRÓXIMA PARADA: ESTAÇÃO SÃO BENTO

A cultura hip hop chegou a São Paulo no início dos anos 1980. Jovens se reuniam na esquina das ruas 24 de Maio e Dom José de Barros. Em seguida, a **estação de metrô São Bento** se tornou o principal ponto de encontro de artistas do hip hop e seus admiradores. Algo novo acontecia lá. A cultura hip hop ganhou toques abrazeirados. Os DJs tinham outras referências musicais, alguns *b-boys* (dançarinos de *break*), como o famoso Alan Beat, introduziram elementos da capoeira naquela dança. Outras pessoas que foram responsáveis pela disseminação do hip hop no Brasil foram o *popper* Nelson Triunfo e Funk e Cia., Electric Boogies, Black Juniors e os músicos Thaíde, DJ Hum, Racionais MC's, MC Jack, entre outros.

Foi no Cambuci que Gustavo e Otávio entraram em contato com a cultura hip hop, mas

logo passaram a frequentar a estação São Bento. OSGEMEOS transitaram por *graffiti*, *breaking*, rima e discotecagem. Hoje, os irmãos possuem um estúdio musical, que usam para produzir suas próprias músicas quando não estão desenhando. O aparelho de som usado pelos DJs é parte do repertório dos irmãos e aparece em várias de suas obras.



Anos 1960. Os aparelhos de som eram caros, grandes e precisavam de cabos ligados à energia elétrica, por isso ficavam normalmente em espaços fechados. Inventaram as fitas cassete, mas apenas nos **anos 1970** começou a ser possível para as pessoas gravarem suas músicas preferidas. Nessa mesma época, surgiram aparelhos que funcionavam com pilhas, permitindo que a música fosse levada para qualquer lugar.



BOOMBOXES

Aparelhos de som que mediam mais ou menos 60 centímetros e pesavam uns 10 quilos. Os DJs, dançarinos e fãs do hip hop utilizavam-nos para transformar as ruas em palcos, com grande presença de jovens negros e latinos, que carregavam as caixas no ombro. As **boomboxes** eram símbolo de empoderamento. Uma nova cultura surgiu nas ruas.



INSTALAÇÃO

Nos anos 1960, uma nova linguagem artística surgiu, ultrapassando o espaço limitado e organizado das telas e esculturas nas galerias. A instalação nasceu na tentativa de diálogo com o espaço que a obra iria ocupar. O artista pode se apropriar do ambiente para manipular a iluminação, gerar efeitos ópticos e/ou sonoros, explorar as cores, odores e até sensações táteis, como a temperatura da sala. Muitas vezes, o público pode entrar na instalação, e a experiência que se tem com esse espaço é o que completa a obra. A **sala das boomboxes**, na exposição **OSGEMEOS: nossos segredos**, é um exemplo de instalação, onde os artistas fazem uso das caixas de som e da música para homenagear a cultura hip hop.



DE SÃO PAULO PARA O MUNDO

Em 1993, o artista do *graffiti* americano **Barry McGee**, que também assina como Twist e outros pseudônimos, vem a São Paulo. McGee circula pelos *points* do grafite paulista, como o viaduto da Praça Roosevelt e o túnel da Av. Paulista, trocando com os artistas brasileiros. Nessas andanças, ele se depara com



um grande mural pintado por Otavio e Gustavo, no qual havia um número de telefone. Ele liga para o contato, e a mãe d'OSGEMEOS, Margarida Pandolfo, atende. Os jovens irmãos já conheciam o trabalho de Barry e ficam ansiosos com o encontro. Mas havia um problema... Otavio e Gustavo não falavam inglês, na época. Então, quando Barry chegou na casa d'OSGEMEOS, carregando uma pequena caixa com marcadores, adesivos, bicos de spray e revistas relacionadas ao *graffiti*, o que os três fizeram foi apenas sentar-se e produzir juntos, sem conversar. E foi assim durante os nove meses em que McGee esteve em São Paulo.

De volta a São Francisco, McGee apresenta o trabalho d'OSGEMEOS para Allen Benedikt, dono de uma revista internacional de *graffiti* e o convence a vir ao Brasil. Allen publica um artigo sobre o trabalho dos irmãos, mostrando ao mundo que a arte do *graffiti* estava presente também na América do Sul. Foi a partir deste artigo que os artistas Peter Michalski e LOOMIT, conheceram OSGEMEOS. Os alemães vêm para São Paulo e trabalham pelas ruas da cidade com os irmãos Pandolfo. Em seguida, partem para um evento em Munique. É a primeira vez que

Gustavo e Otavio atravessam o oceano, e é a primeira vez que OSGEMEOS vendem obras para uma galeria de arte. Começava, então, uma extensa carreira internacional, que hoje já é consolidada em vários países de cinco continentes.

Barry McGee e LOOMIT foram apenas os primeiros artistas internacionais com quem OSGEMEOS fizeram parcerias. Recentemente, os irmãos Otavio e Gustavo Pandolfo produziram duas telas com o famoso (e anônimo) artista londrino, **Banksy**. Nas obras, um artista adentra o universo do outro. Em sua primeira exposição, os quadros foram colocados debaixo de um viaduto em Nova York, onde os artistas criaram um clima de galeria. OSGEMEOS também fizeram colaborações com JR, Aryz, Blu, Roger Waters, Fakso, Martha Cooper, entre outros.



ADENTRANDO O UNIVERSO TRITREZ

O mundo físico, real, é muito pequeno frente a nossa imaginação. A literatura, o cinema, o teatro, as artes plásticas e outras linguagens artísticas abrem as portas para que possamos viver a ficção.

A Terra do Nunca de *Peter Pan*, o mundo Fantasia do Grande Nada, de *História Sem Fim*, A Terra Média de *Senhor dos Anéis*, A Fantástica Fábrica de Chocolate, de Willy Wonka, *Westeros* de *Game of Thrones*, são universos para onde muitos de nós já viajamos.

Desde cedo, OSGEMEOS mergulharam nos universos mágicos. A ameaça alienígena combatida pelos seus heróis preferidos nas séries *Ultraman* e *Ultraseven* era a inspiração das brincadeiras. No fim da adolescência, Gustavo e Otávio se trancaram no quarto, para estudar. Testaram diversos materiais: um dia tinta a óleo, noutro dia, giz pastel... Às vezes, deixavam até de comer, tão entretidos estavam.

Foi, então, que descobriram o **Universo Tritrez**. Eles acreditam que vivem neste lugar, é para lá que os irmãos vão quando sonham e irão quando partirem.

Tritrez é um universo paralelo. Lá vivem os personagens amarelos que habitam as obras d'OSGEMEOS. Tritrez tem cor, tem cheiro, tem clima, e a atmosfera é de perfeita harmonia. Gustavo e Otávio foram os primeiros a frequentar Tritrez, mas decidiram compartilhar com outras pessoas o que viam. Nas telas e nas paredes da cidade, o universo fantástico de Tritrez está presente em muitas das produções dos irmãos.

Tritrez não é algo a ser explicado, mas vivenciado. "Cada um tem seu próprio Tritrez. Mas muitos não têm coragem de mexer nele. [...] Demanda desgaste físico e mental, criação, recriação", diz Gustavo Pandolfo



LANDMARKS

Landmarks são detalhes da paisagem urbana que se tornam pontos de referência. Podem ser prédios, monumentos ou obras de arte. Os murais d'OSGEMEOS, com suas características inconfundíveis, se tornam *landmarks* em várias partes do mundo.

No caso do "**Gigante de Boston**", mural patrocinado pelo Instituto de Arte Contemporânea de Boston, a imensa imagem marca um ponto de encontro de moradores e turistas no edifício respirador do túnel que passa embaixo da praça Dewey Square (Dewey Square Tunnel Air Intake Structure), valorizando a região, que é um centro financeiro da cidade.

DESAFIOS

OSGEMEOS fazem questão de atuar desde o esboço até a execução final de suas obras. Os projetos são desenhados com caneta no papel. É assim, olhando o desenho pequeno, que eles visualizam como será o resultado de obras em grandes superfícies, onde vão interferir. Sem usar recursos como a projeção, Gustavo e Otavio sobem em plataformas de elevação, os *lifts*, para pintar.

Em 2004, por ocasião das Olimpíadas de Atenas e do festival de arte de rua internacional, *Chromopolis*, o Comitê Olímpico convidou OSGEMEOS para representar o continente americano no festival e fazer intervenções em cidades como Pireus, Kalamata e Vólos - local em que os irmãos produziram o

"Gigante de Vólos". Este é o primeiro personagem gigante pintado na lateral de um prédio e que deixa aparente a textura original da construção. O Gigante veste apenas uma cueca e tem o corpo coberto com tatuagens de figuras da Mitologia Grega, realizadas por Nina Pandolfo, Codeak, Stormie, Besok, Woozy, Impe e Bizare.

Um dos projetos mais desafiadores d'OSGEMEOS foram os **murais pintados para a Vancouver Biennale**, que aconteceu entre 2014 e 2016. Como a proposta da Bienal era relacionada à escultura, os irmãos Pandolfo escolheram pintar um espaço que criasse um diálogo entre os mundos bidimensional e tridimensional. A superfície escolhida foram seis enormes tonéis com 25 metros de altura. Gustavo e Otavio



nunca tinham feito uma pintura em 360° antes e levaram três semanas para concluir o projeto.

Em 2014, OSGEMEOS pintaram o **avião da seleção brasileira de futebol** para a Copa do Mundo. A ideia surgiu como uma brincadeira do ex-jogador Ronaldo Fenômeno. Os irmãos toparam na hora, afinal, adoram um desafio! O projeto levou cerca de 100 horas para ser finalizado, e foram utilizadas mais de 800 latas de tinta *spray* para cobrir o Boeing 737. Os personagens pintados representam as pessoas, com toda a diversidade étnica do povo brasileiro.



ENTRE A CIDADE GRANDE E O INTERIOR

Olhando as pinturas d'OSGEMEOS, reconhecemos gente que se parece com a gente e paisagens que já visitamos. São as casinhas coloridas e a igreja ao fundo, tão comuns às pequenas cidadezinhas. Até o nosso modo de estar à toa, o costume de sentar-se à porta da rua ou ficar na janela vendo a vida passar, é retratado em suas obras.

Nessa pintura, repare na forma de juntar os pés descalços do personagem de calça azul. O Terminal Rodoviário do Cambuci, que recebia migrações nordestinas, era próximo à casa onde Gustavo e Otavio cresceram. Aqui, a paisagem do sertão se mescla à cultura do hip hop, e o jegue, no lugar de sacas de mantimentos, carrega, no lombo, a caixa de som.



Na obra **"A graça alcançada"**, um barqueiro leva em sua canoa uma imagem dentro de um oratório acompanhada de esculturas representando partes do corpo humano. São cabeças, duas mãos e um peito. Para alguns pesquisadores, essas esculturas lembram os ex-votos, peças esculpidas em madeira, cera ou argila, que são entregues às igrejas como agradecimento por milagres relacionados à cura de algum mal que atinja a parte doente do corpo. Essa prática é comum no interior do Brasil. Em outras obras dos irmãos Pandolfo, vamos encontrar esses detalhes do corpo humano, ora desenhados, ora incorporados nas instalações. O esplendor da imagem, a camisa do pescador e a cauda da sereia são cobertos de lantejoulas, um recurso de textura presente em outras obras d'OSGEMEOS.

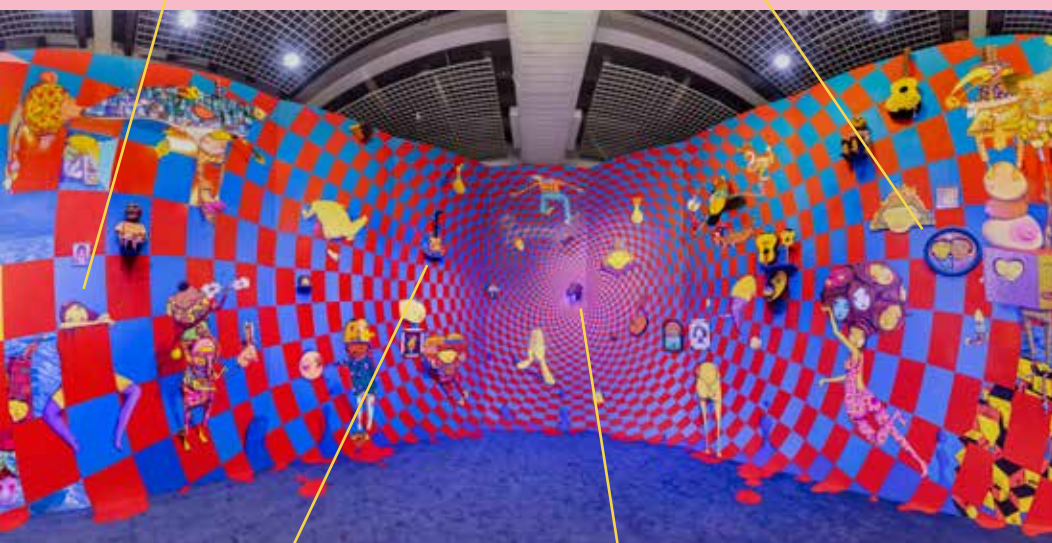
Na Optical Art, mais conhecida apenas como Op Art, as obras são marcadas pela estranha percepção óptica, causada por formas geométricas muito coloridas ou contrastantes, que dão a sensação de que a pintura está em movimento, ou parte da obra está saindo ou entrando da superfície. Com isso, a imaginação é estimulada, como na obra **Vertigem**, na qual o uso de quadriculado vermelho e azul, que domina o espaço, brinca com nossa percepção visual.



A pintura é bidimensional, mas aqui a personagem atravessa a obra, como pode ser?



As fotopinturas são retratos pintados à mão muito comuns nas casas nordestinas.



OSGEMEOS incorporam peças de arte popular e objetos do cotidiano em suas obras, como violões.



Como se estivesse em um tornado, essa casa com luz azul pode parecer um portal para um outro mundo.
Bem-vindo a TRITREZ.

ÍNDICE DE OBRAS

Capa: OSGEMEOS, Autorretrato, 2013, spray sobre parede, São Paulo, foto: Filipe Berndt

2° Capa: OSGEMEOS, B-boy, 2019, nylon, costura e spray, foto: Filipe Berndt

Pág. 1: OSGEMEOS, Mural realizado na Luggage Store Gallery, 2013, São Francisco, EUA, foto: OSGEMEOS

Pág. 2: OSGEMEOS e Rooneyoya na estação de metrô São Bento, 1987, São Paulo
OSGEMEOS, Sem título, desenho em papel, década de 80, São Paulo

Pág. 3: OSGEMEOS na Pinacoteca, 1983, São Paulo
Sem título, desenho em papel, década de 80, São Paulo

Pág. 4: Pictogramas, Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí
Terras Coletadas no Sul da França, Brasília, foto: Vera Pugliese

Pág. 5: Tumba do Faraó Tutancâmon, 1334–1325 a.C., Vale dos Reis, Egito
Mosaico Bizantino, Basílica de Santa Sofia, Istambul, Turquia

Pág. 6: Michelangelo Buonarroti, Teto da Capela Sistina, 1508-1512, Vaticano

Pág. 7: Cândido Portinari, Detalhe Afrescos Ciclos Econômicos, 1936-1944, Rio de Janeiro

Pág. 8: OSGEMEOS grafitando, Milão, 2016. Foto: Hangar Biccoca
OSGEMEOS e Barry McGee grafitado, fotografia, São Paulo

Pág. 9: OSGEMEOS pintando mural no Institute of Contemporary Art, 2012 Boston, EUA
Caverna das Mãos, Santa Cruz, Argentina. Foto: Pablo Gimene
Símbolos de âncora, peixe e Chi-Rho, Roma, Foto: Ferrell Jenkins
Grafite em forma de cruz, 250 a.C., Egito

Pág. 10: Carlos Delfino, TUPINÃODÁ, Primeiro painel luminoso de São Paulo, São Paulo, década de 80

Pág. 11: Houston Street Mural, 1982 © Keith Haring Foundation Photograph by
Tseng Kwong Chi, 1982 © Muna Tseng Dance Projects, Inc., New York

Pág. 12: OSGEMEOS, Homenagem ao hip hop, 2017, Nova York, foto: Martha Cooper

Pág. 13: OSGEMEOS na casa dos pais, 1987, São Paulo

Pág. 14: OSGEMEOS, Mural sem título, 2015, Nova York, foto: Martha Cooper

Pág. 15: OSGEMEOS, Aplique de Homem com Boombox, 2020, técnica mista sobre mdf e led
OSGEMEOS, Sem título, 2019, Instalação de Esculturas de Caixas de Som Coloridas
(92 Speakers), foto: Filipe Berndt

Pág. 16: Barry McGee, Sem título, 1993, São Paulo

Pág. 17: OSGEMEOS e Banksy, Sem título, 2011, tinta acrílica e spray sobre tela, foto:
Martha Cooper

Pág. 18: OSGEMEOS, Deusa, 2019, tinta spray sobre madeira, foto: Filipe Berndt

Pág. 19: OSGEMEOS, Tritrez parte II, 2011, tinta e lantejoulas sobre madeira, foto: Filipe Berndt
OSGEMEOS, Tritrez, 2014, tinta spray e lantejoulas sobre madeira, foto: Filipe Berndt

Pág. 20: Mural sem título, 2012, Boston, EUA, foto: OSGEMEOS

Pág. 21: OSGEMEOS, Pintura realizada na aeronave Boeing 737-800 Gol Linhas Aéreas, 2014,
tinta spray
OSGEMEOS, 360°, 2014, Vancouver, Canadá, foto: VANCOUVER BIENNALE/
ROAMING-THE-PLANET

Pág. 22: OSGEMEOS, Jegue Boombox, 2013, técnica mista sobre mdf, foto: Eduardo Ortega

Pág. 23: OSGEMEOS, A graça aloançada, 2013, técnica mista sobre mdf, foto: Eduardo Ortega
OSGEMEOS, O pescador de vagalume, 2021, técnica mista com lantejoulas sobre mdf,
foto: Filipe Berndt

Pág. 24: OSGEMEOS, Vertigem, 2009, Instalação - técnica mista sobre mdf, foto: Filipe Berndt

CCBB BH

Praça da Liberdade, 450
Belo Horizonte/MG

Informações

(31) 3431-9400
ccbbbh@bb.com.br

Horário de funcionamento

Quarta à segunda: 10h às 22h
Terça: fechado

Bilheteria

Entrada Gratuita
Retirada de ingressos na bilheteria do CCBB
ou pelo site bb.com.br/cultura

Agendamento de grupos

(31) 3431-9440/9441
agendamento.bh@programaccbbeducativo.com.br



/ccbb.bh



@ccbb_bh



@ccbbbh

Central de Atendimento BB

4004-0001 ou 0800-729-0001

SAC

0800-729-0722

Deficiente Auditivo ou de Fala

0800-729-0088

Ouvidoria

0800-729-5678

www.bb.com.br/cultura

Pesquisa e Redação

Daniela Chindler
Martina Rangel
Vera Pugliese

Colaboração

André Sousa

Edição

Daniela Chindler

Revisão

Sol Mendonça

Produção Editorial

Martina Rangel

Design

E Thal



Lei de Incentivo à
CULTURA

Educativo

SAPOTI

Apoio



**CIRCUITO
LIBERDADE**

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

